

Álvaro Andrade Garcia

VIAGEM COM O RIO SÃO FRANCISCO

DE CASCA D'ANTA A VILA RISONHA
DE SANTO ANTÔNIO DA MANGA E SÃO ROMÃO

Projeto gráfico de Paulo Bernardo Vaz

com ilustrações do Explorations Scientifiques au Brésil. Hydrographie du Haut San-
Francisco et du Rio das Velhas par Emm. Lias. Paris, Rio de Janeiro, Garniers
Frères, 1865 e Atlas e Relatório concernente à exploração do Rio de S. Francisco pelo
Engenheiro Civil Henrique Guilherme Fernando Halfeld em 1852, 1853 e 1853. Rio
de Janeiro, Lithographia Imperial, 1860.

MAZZA EDIÇÕES
BELO HORIZONTE
1987 - 1997

PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

1987 - 1997 - Dez Anos de Viagens com o São Francisco

Há 10 anos atrás percorri o São Francisco e vivi 6 meses às suas margens. A ligação com o rio começou nos livros, na obra de Guimarães Rosa, que usa o São Francisco como o eixo do seu sertão e depois quando li Saint Hilaire e Richard Burton, dois estrangeiros que o conheceram no século XIX. Saint Hilaire, um botânico, visitou-lhe as cabeceiras em Casca D'Anta, e Burton, um aventureiro, que já estivera na África e Ásia, saiu de canoa de Sabará e foi até o Oceano Atlântico.

Quando veio o desejo de percorrer o rio, fiz diversas viagens às suas margens, fui à nascente, fui a Pirapora, fiquei três meses em São Romão, fiz a viagem de barco de Pirapora a Juazeiro e visitei por duas vezes o encontro do rio com o oceano. Viver pausadamente o tempo nas suas margens e reler em cada lugar a impressão daquele mesmo lugar que alguém teve num tempo distante do nosso fez nascer o trabalho Viagem com o Rio São Francisco.

No livro, segui uma viagem metafórica. Nela, o rio serve de analogia para as diversas situações que a vida nos cria. No trajeto do rio, da cabeceira/nascente, ao oceano/final, existem afluentes, acontecimentos, encontros com pessoas, momentos líricos que compõe a obra. Através dela, falei então do Trajeto da vida de uma pessoa.

Eu estive na época muito impressionado com o aspecto formal dos textos que li. Resolvi então fazer reviverem estilos e palavras que estavam desaparecendo. Fiz uma composição de elementos antigos com meu estilo atual na hora de escrever. Os títulos dos poemas, por exemplo, são quase parágrafos. Eles nos remetem ao costume antigo de títulos/sumário que resumiam todo o conteúdo dos capítulos dos livros. As estrofes dos poemas têm uma mancha comprida e irregular, sem uma marcação de métrica

precisa, seguindo um modelo moderno, mas, quando trabalhei o vocabulário, fiz uma minuciosa pesquisa em mais de seis dicionários buscando sinônimos e palavras anteriores a todas as palavras que ia usar. O resultado está no livro: uma infinidade de palavras e termos que guardam uma semelhança de som e imagem com suas formas atuais - de modo a facilitar o seu entendimento - mas que são desconhecidas de nós. Algumas poucas vezes fiz de fato nascerem palavras, por que afinal ler Guimarães Rosa e não se sentir tentado a inventar palavras é quase impossível.

O tempo passou e eu ainda busco o rio como consolo, quando preciso dele. Muitas vezes viajei sem direção e acabei nas suas margens, nas cavernas do Peruaçu, em Pirapora, Januária, Bom Jesus. O tempo passou e o rio permanece, mal tratado e incompreendido. Mas o rio permanece e nele a alma ainda pode encontrar um templo.

26 peças para um diário de vida

Casca D'anta, São Romão, São Francisco, Pirapora a
Juazeiro-Petrolina (Rebocador Santa Efigênia),
Propriá, Penedo e Piaçabuçu

Out 85 a Mar 87

quando o corpo recebe o primeiro sinal.
a nascente do rio.

ela fez-se
fino pulso
fio de cobre
torneira aberta
gotejamento

miúda minou da grota
surdiu da rocha
volteando pelo caminho:

pouso aprazimento
juízo suspenso

- plena instância -

o início da viagem na serra da canastra.

a descida da cachoeira de casca d'anta dentro de um barril.

I

água desce murmurosa
entre as pedras brune o musgo
e dispõe-se nos permeios

na garganta institui-se o funil
é gerado o perigo - a queda -

dali tudo se projeta - em frente -
para tombar, não faltando
o ímpeto que estilhaça - gotas -
moldeando a rocha - milênios -

baralhando ali as revoltas
revirando a cabeça e a boca
aos lados que se aduzem

- os moldes do instante -

II

da seiva do cedro
nutriram-se os viajantes
e do cerne talharam
a forma que vai desabar

presos na garganta
gritos musicais
prestes a jorrar voragem
sobejam as emoções
que traspassam os limites
forjando nova forma - desta vez -
líquida, aquosa direção

já encerramos tudo, corajosos
o coração pulsa veloz
é hora
o sangue percorre as fibras
estamos lá!

vamos romper
pelo são francisco
ele nos espera adiante
revolvendo suas águas
no curso permanente
rumo ao incesto colorido
- ao mar -

III

o barril afunda n'água
e torna a emergir
trançado em cilíndrica aparência
ele nos contém e conduz
ao profundo júbilo
que reserva a queda

casca d'anta é o início
das águas que escorrem
por isso mais límpida
sua contribuição
ao rio que será

a rocha faz saliências
a geografia ocupa-se dos obstáculos
e a nós restam as delícias

- prosseguir -

IV

- o vento participa -
arrepios na pele
se de dentro ou carícias?
não sabemos - ainda - os viajantes

depois dos esbarrões
nos ocupamos com a gravidade
atraídos caímos - mas durante cantamos -
os filhos do vento reúnem-se
à correnteza

vamos ser cada gota
- como se não fôssemos uma só água -
arqueando pelas curvas do rio

- aleluia! -

V

não vamos pensar
o que já passou
despencamos tudo isso
para nos prender na malha
que trançou o barril

Eis o encontro
da nossa massa
e ossos com a pedra
- o abandono da carcaça -

VI

súbito
caiu o barril
afundou e bateu na pedra
deslocou e subiu
para virar
outro

o encontro do diamante: o que se relata dos poucos instantes nas profundezas do poço. algum tempo depois da queda, imersos nas águas abaixo da casca d'anta. a lenda.

o fundo do poço é profundo
e lá o mundo a clareira
o fogo que apagou o antes
o velho a cadeira a âncora
a corda a sorte o morto
a vidente o vasto o filho
a ânfora a fonte o caminho

e lá está o diamante
reencontro seu delicado piscar
transmudando água em convergências
modulando as transparências
tornando-as raias coloridas

achegamos como os peixes
que receberam cauda vermelha
concedemos a mão
e com ela realizamos o ato

sem o barril prossigo a viagem.

de como, ao partir de casca d'anta, sinto falta daquelas paragens.

ficou presa à fôrma
carcaça profundo corte
a saudade dali

navegando ao norte
aquilo que fluido era
partiu deixando-a

âncora tristonha
querer-voltar-sem-juízo

quedou presa à margem
dando linha
ao anzol que se foi
a pescar outros mundos

de quando em quando
fisga despontando
imagens dali

aquele entorno convicto
- num aceno de leveza -
espumando no poço
seus 222 metros de alegria

encontro de águas I

o rio das velhas encontra-se com o são francisco um pouco depois de pirapora.

o rio é o que recebe
qualquer que decide
juntar-se a ele

corre ao largo do interdito
aceitando qualquer étimo
desde que se aconchegue

no embate d'águas
avistei-o fulo e turvo
quando o rejeito das cidades
desaguou-se nele

revoquei os detritos eivando-os
enquanto as águas corriam dali

- muitos sedimentaram
outros consumiram peixes -

até quando mais adiante
pertenciam à determinação
daquela correnteza
- eram uma só sina -

de como o rio se afasta dos homens e penetra no largo. olhei para os lados e não mais avistei os companheiros. de como me senti só e assumi o estado de homem no sertão. como a viagem deixa de ser compartilhada.

o rio segue para o mar
como se não fosse esforço
empurrado pelas montanhas
que despejam água no início
segue pelo fácil
cingindo elevações

atravessa o sertão
sem verdecer algum
vai por onde não há
fluido qualquer
a não ser ele

dos lados as margens
disputam preferências
- e periódicas inundações -
ele porém enlevando-se
persegue apenas o mar
e só lá consente
em acabar-se

o amanhecer no rio.
da última natureza das coisas perceptíveis.

a neblina me acolhe
sem dúvida
olhos brancos esfumados

flutuo em seu seio
borbulhando sons noturnos
- vozes -
estou distante das aflições
obnublado

as gotas libram todo o Meu
- o que seja entusiasmo e me pertence -
que entretanto não se alui
em mim nada se move
perceptível

neste repouso acordo
e alcanço as ressonâncias
dos particulares
que interagem neste instante
encontro

o maior número possível de movimentos
que entretanto não transformam
a natureza das coisas

II

ei-las!

as transparências desta manhã

atravessando as cores...

em sua intenção

o ser esvai-se a outro sítio

- o inexplorado pelos sentidos -

o espaço entre os planos

além daquele ocupado

pelos objetos dispostos

transtorna o visível

e o invisível

pelo que permeia

os dois

- o entrever -

a pescaria.

chapéu de couro
vinhático talhado
carranca
canoa do são francisco

três séculos de história
singram as águas
levando e trazendo
farinha gado e ouro

três séculos de história
em silêncio pescam
os dourados que existem
no fundo do rio

três séculos de história
perduram esperando
surubins pias e moleques
para alegrar a vida

a barranca, a curva do rio. o refúgio dos peixes, como é visitado, o que sucede em pleno sol de meio dia.

o refúgio é violado
a luz penetra
- em pudorada atenção -
até tocar a escuridade

feixes oblíquos e congruentes
de longínquas fantasias
vestem roupagens amarelas

miro a manifestação cristalina
- pênsil no tempo -
meu olho se distorce
núblia & translúcida essência
perfuma o universo

a curva se faz reta
e dali partem feixes
para a eternidade, o possível
esgotando-se no segundo
- ilumina -

de como faz-se um pacto da mistura de sangues e águas. o alegre incorpora-se definitivamente à viagem, sendo mais uma vez walt whitman convidado a ser a testemunha das gerações.

homens já é tempo
de ceder as horas
aos olhos, profundos

a alegria passa
e seguir atrás é a estrada
daqueles que já foram
ficam apenas estas caras
chocas pelo tempo
a lamentar, lamúrias
intermináveis

pouco importa
as flores não cessam
de nascer, as crianças
tão tenras com suas
metralhadorinhas
ainda disparam sorrisos
ao vento que passa

vamos assim cantar
uma música que já não se toca
tanger nossa pele

não por contigüidade
mas profundando no segredo aveludado
na viagem ruminante
das formas não desvendadas

vamos buscar os arrepios
nesta nudez confessa
da alma que brota
- exuberância de vida
empurrando as cascas
do morto padecimento -

basta! a dança há de ser dos corpos!

as barranceiras.

as conexões & assentamentos.

I

as margens passam
mas a sucessão delas
eterna devindo

no espaço alcanço
- o ponto o arco o largo -
do tempo retrocedo
- a propriedade -

e agora que os retive
quero desfalecer-me com eles
- perviver -

II

reencontro os acontecimentos
tocando-os de banda
acercando-me das emanações
que instituíram as correspondências

depois concentro-me
desapareço e vou-me

acompanho o movimento
que se propaga e atinge
a parte desejada
e a desfaz
como particular

o remanso, o ventre do rio.

- o extravio do tempo -

arremansei

naquela curva

existência repousou

forma desformando afigurou-se

carne dissolvendo atenuou-se

pensamento diluído perdeu-se

silêncio, gameta, semente

a visita à vereda - o local de nome "escuro".

o coração desandava
antes mesmo de conhecer a vereda
que desvendou-lhe emoções
- mais sinceras que dar-se as mãos -

(copas verdejantes, flamas, pingos de sol
azulais, flores, nuvens-reflexos
água-buriti e areia)

depois do encontro
restou-lhe bater mais que antes
- num desande maior que o fim do mundo -

enredou-se na vereda
que lhe entregou
aquelas mãos que realizaram
o fato polido de circunstâncias

o belo desarmado
como o cabelo da morena
- castanhante, liso -

o que sucede então...

uns bandos de pássaros
entre eles maritacas
roubam o virente das árvores
e tentam verdejar o azul

enquanto:
pássaros alaranjados, soldadinho
sabiá - garça branqueja -

até que o dia
o sol se concentra
vermelha
e vai
para mais longe
que lá
- a serra do urucuia -

o firmamento.

na noite do sertão: ruído de águas correndo, lampejos, assobio de pássaro, estalidos.

a lua minguante
e eu quem sabe
um velho alegre
com uma bengala
no céu
pululando

de um lado a outro

sorrisos visos
corpos verdejantes: amor

a lua trapézio
fina pulseira dourada
e o espírito leve
nela balangando

ventos vermelhas
copas estrelas
negritude & faíscas

a história de antônio doidio - um vivente que habita a ilha de são romão.

antônio doidio disseram-me
habitante da ilha sem dono
cachaceiro louco
vive da ajuda que recebe
das almas caridosas

antônio doidio ouvi dizerem:
- aquele que pesca desatinado
sem hora pra sair
nem lugar pra voltar

antônio doidio contaram-me ainda
mora sob as estrelas
e nas noites de frio
- nos idos julhos -
costumava enterrar os filhos
para que a terra
com seu calor os esquentasse

antônio doidio vive
sobre o espírito
dos caribós mortos
pelo bandeirante paulista
nos idos mil e setecentos

antônio doidio falou-me
do seu sonho:

- um pescado obstinado
que se esconde dele no rio

antônio doido nem mesmo espera
morte alguma ou desgraça
apenas busca algum mandi
que fosse o maravilhoso
e pudesse mostrar-lhe
o tesouro do rio

quando se atravessa o rio a nado. certamente o sol abrasa, e o medo se vai. nem após e
nem lá - o fim mesmo interpõe-se sempre no percurso - penso.

I

a lâmina dos tempos
entre cada antes e um certo depois
a lâmina dos tempos
entre cada aqui e o esforço até lá
a lâmina dos tempos

II

de que adianta então dizer
que não somos fragilidade
se o humano vaso trinca
a cada sacolejo?

de que vale a forma
que nos transporta encolhidos
diante do leito barrento
que escorre sob as águas do rio?

Algumas perguntas.

I

o que se coloca entre
a direção e a contingência?
entre o ato e o receptáculo?

II

quem, quando perguntado
ousou concluir-se
iniciando seu fim?

quem se perdoou inteiramente
perdeu-se pela vida?

de como a viagem prossegue, para além de são romão, deixando para trás o final previsto na partida. é que o personagem pára e pensa assentado na beira do cais: "se tanta água passa por aqui... só me resta seguir também, partir no vapor que zarpa hoje".

I

o rio disseca o estado
entre o sertão e as gerais
atravessa minas

sergipe e alagoas
bahia e pernambuco
seu curso não se abala
com incertitudes
prossegue trazendo
sempre mais água

o rio continua
levando o eflúvio
que chegou até ele
não se ocupa
nas paragens
vai conduzindo
a fertilidade dos vales
- estes que nele viajam -

o rio não é como o homem
- que tem que optar -

ele segue e deságua
a mesma que chove
na cabeceira

II

os dentes caem despedaçados
com eles o mais certo
que havia em mim
penso em doer
tanta a aflição que dá:

esse mudar paulatino
seguir sem volta
- o viver sem fim -

se ao menos chegasse lá!
como se houvesse um onde...
se viver não fosse
errar por aí

III

pois no sertão a chuva vem
quando as plêiades anunciam
mas antes árida persistência
tem que aguardar a torrente
júbilo inflexivo, dobrado
como os membros do feto
há de manifestar sua presença
assinalando a clivagem
do corpo que se deixou
descamar

crescer é lenta fissura
trincante, disforme
inverossímil

encontro de águas II - quando o carinhanha deságua no são francisco desde que não
haja chuva na sua cabeceira e ele esteja verde-escuro como convém.

o carinhanha traz
sua água escurecida
terso pede licença
para elaborar-se
e segue léguas à margem
até ser incorporado

os dois rios parecem
corpos colados um noutra

talvez se amem
- este aculto afeto
incompreensível
mais que humano -
ou aguardam a hora
de entrelaçar-se

seguem parecendo
não estar misturando-se
pela diferença que há
entre os dois
mas a cada metro que passa
um já é outro:
abaixo da superfície
se relacionam
consentindo
intenso tráfego de criaturas

o sertão quase vira mar pela mão do homem.
o lago de sobradinho.

I

o leito do rio abre-se
como um leque
espraiando água em cinco direções
- para que a gravidade resolva
qual o rumo a seguir -

a vista não vê o fim d'água
que alagou o sertão

sob este mar:
erva braba e mandacaru
ninho de cobra e tatu

II

- o transbordo -

por onde seguir?
a não ser extravasando
ajuntando, sendo uma só
a água, a massa subindo

empurrando montanhas
buscando desfiladeiros
até encontrar a saída?

a visão do lago. o sertão alagado. algumas montanhas bem longe, e as árvores mortas
pela enchente eterna. mantidos seus troncos, forma-se estranha malha sobre a água.

I

sobre a árvore morta
o celazul lá de cima
sorridente

dela vejo só
as dores ressumbrantes
e os engalhos
- secos e infortunados -

acaba-se e permanece
vai-se mas suspensa
deixa seu arcabouço
- a árvore de tramas molhadas -

veio a chuva infrútea
e ela permaneceu
murmurante

II

decerto ela fica
mas tempo sério
rouba-lhe as pontas
e as folhas

inflorescente aromático
falso permanente
o tronco galhoso
desprende lascas
e cerne de madeira

pendurados
os pedaços despem-se
tramando seu próprio fim
aqueles ramos incompletos
sempre pendentes
até o último instante

a tempestade nas proximidades da barragem de sobradinho, numa daquelas cidades alagadas. que seja pilão arcado!

- revoa um chapéu de palha -

o céu mistura chumbos
- alguém grita: lá vem o salvador
cai água ou fogo daquela força toda?
as águas encrespam, o vento ulula
retroam os trovões - plúmbeos -
sibilos entre as ramagens
lufadas, folhagens voejando
- alguém fala: se é cinza o céu
já houve o fogo
vem água!

muitágua do céu

chovem relampejos
molecagens
friagem & ventania

a festa. os ruidosos marítimos abrem seus braços ao murmúrio do rio. a viagem acaba no atlântico. despeço-me... o rio despeja-se no mar, e prepara-se para o desfecho...

I

o homem susteve o rio
para fazer entre as montanhas
um seu mar adocicado
reteve o curso
para fazer dele
um sem-fim encarcerado

II

mas aquela direção convicta
prosseguiu buscando oceanos
entremeou montanhas e afunilou-se
entre gargantas cortou planaltos
e continuou até o mar

III

- incesto colorido -

distenso e profundo

o amarelo penetra

largo e longínquo

rasgando verdes marinhos

despojando-se no mar

que afasta suas ondas

e consagra-lhe um leito

infinitamente ele

- um que aguarda e contém

qualquer eflúvio

que lhe alcance -

imerso na própria substância

o rio continua

até ser coroado pelos camarões

estrelas & corais

até ser direção no sereno

- contingente que apazígua -

o mar, envolvendo tudo que dele parte

e a ele retorna novamente

- em paz -

IV

o mar mesmo veio antes
e recebe todo e qualquer estado
sem extravasar nem formar direção
ele nunca transborda ou se eleva
recebe engloba - incorpora -
pois não segue a parte alguma
permeia ondula e circula
entre ilhas e contentes

o mar mesmo continua depois
não é curso ou resultância
não tem ir ou vir
espera espraia amansa
é perdoar-se na vista azul
é homem horizonte fátuo
flutuando nele
o primeiro da vida
e o fim de todo curso

- a entrega -

confim

I

as linhas todas
desmancham a paisagem
e uma frouxa neblina aplaca
o que de humano havia

mas o quê?
o que restou afinal?

uma ausência perdida
de si mesma
uma direção singrando
no sal e fluidos
- os que permanecem -
uma duração que oscila
entre o pleno instante
e a certeza do incidente

II

uma existência prossegue
prolongando este movimento
que avança como
uma alavanca imensa
uma que descola o mundo
de seu eixo e transfere
a vida a humilde pouso

uma revoada assusta
pássaros conchas águas
as marés
tudo converge e diz

mas o quê?
o que restou afinal?

III

algo expande tão suave
que não se apercebe
e aos poucos subtrai...
o mundo ao redor
o tráfego luzes e ventos
imaginários de tantos
lugares vermelhos
e vocês indo e vindo
e este pulso único
vai alarga e desfaz
margens pessoas
o mundo e as imagens

mas o quê?
o que restou afinal?